

## PRÓLOGO

### RONNIE

Enquanto olhava pela janela do quarto, Ronnie perguntava-se se o Pastor Harris já se acharia na igreja. Partiu do princípio de que isso seria verdade, e, à medida que observava as ondas a rebentar na praia, tentou imaginar se ele ainda seria capaz de reparar nos efeitos da luz que jorrava através do vitral sobranceiro. Talvez não — afinal de contas, a janela fora instalada havia mais dum mês, e o mais certo seria o pastor andar demasiado preocupado para ter dado por isso. Apesar disto, Ronnie tinha esperança de que algum recém-chegado à cidade tivesse entrado por acaso na igreja e vivenciado a mesma sensação de deslumbramento que ela da primeira vez que vira a luz a inundar a igreja naquele dia frio de Dezembro. Tal como esperava que o visitante tivesse dedicado algum tempo a considerar a proveniência da janela e a admirar a respectiva beleza.

Estava acordada havia uma hora, mas não se sentia preparada para enfrentar o dia. Naquele ano, as festividades estavam a ter para ela um sabor diferente. Ontem levara o irmão, Jonah, a dar um passeio pela praia. Aqui e ali, tinham visto árvores de Natal nos alpendres das casas por onde iam passando. Naquela época do ano, tinham a praia praticamente só para ambos, mas Jonah não se mostrara interessado nem nas ondas nem nas gaivotas que, havia escassos meses, o tinham fascinado. Ao invés, quisera ir para a oficina, e ela acedera ao seu desejo, pese embora o irmão se tivesse limitado a ficar lá uns instantes e a ir-se embora sem dizer uma única palavra.

Na cabeceira da cama atrás dela, havia uma série de molduras empilhadas com fotografias do recanto do piano da pequena casa de praia, juntamente com outros objectos que reunira nessa manhã. Entreteve-se a examiná-los em silêncio, até ser interrompida por uma pancada na porta. A cabeça da mãe espreitou pela fresta.

— Queres tomar alguma coisa para o pequeno-almoço? Encontrei uns flocos de cereais no armário da cozinha.

— Não tenho fome, mãe.

— Mas tu precisas de comer, minha querida.

Ronnie continuou a fitar o monte de fotografias, de olhar completamente abstraído. — Eu estava enganada, mãe. E agora não sei o que hei-de fazer.

— Estás a referir-te ao teu pai?

— A tudo, em geral.

— Queres conversar sobre isso?

Quando viu que a filha não lhe respondia, atravessou o quarto e foi sentar-se a seu lado. — Há alturas em que nos faz bem desabafar. Tens andado tão calada nestes últimos dias.

Ronnie sentiu uma torrente momentânea de recordações a dominá-la: o incêndio e a subsequente reconstrução da igreja; o vitral; a melodia que finalmente acabara de compor. Lembrou-se de Blaze, de Scott e de Marcus. Lembrou-se de Will. Tinha dezoito anos e recordava-se do Verão em que fora traída, do Verão em que fora detida, do Verão em que se apaixonara. Não fora há tanto tempo quanto isso, todavia, por vezes tinha a sensação de que entretanto se transformara numa pessoa completamente diferente.

Ronnie soltou um suspiro. — Então e o Jonah?

— Não está em casa. O Brian levou-o à sapataria. Parece um cachorrinho. Os pés estão a crescer-lhe mais depressa que o resto do corpo.

Ronnie esboçou um sorriso, mas este não tardou a desvanecer-se. No silêncio que se seguiu, sentiu a mãe a segurar-lhe o cabelo comprido e a apertar-lho num rabo-de-cavalo folgado atrás das costas. Era um hábito que a mãe tinha desde os tempos da infância da filha. Por estranho que pudesse parecer, ainda lhe proporcionava uma sensação de conforto. Não que algum dia se dispusesse a admiti-lo, claro está.

— Olha — prosseguiu a mãe, dirigindo-se ao roupeiro e pousando a mala em cima da cama —, e que tal se conversássemos enquanto fazes a mala?

— Eu nem sequer saberia por onde começar.

— Por que é que não comesças pelo princípio? O Jonah não falou em qualquer coisa acerca de tartarugas?

Ronnie cruzou os braços diante do peito, ciente de que história não tivera início naquele ponto. — Por acaso, não — respondeu. — Apesar de eu não ter presenciado esse momento, acho que o Verão começou verdadeiramente com o incêndio.

— Que incêndio?

Ronnie estendeu a mão para as fotografias empilhadas no parapeito da cama e, com todo o cuidado, retirou o artigo rasgado dum jornal entalado entre duas molduras. Em seguida, entregou a folha amarelada à mãe.

— Este incêndio — salientou. — O incêndio da igreja.

## **Suspeita de Fogo-de-Artifício Ilegal no Incêndio da Igreja** *Pastor Ferido*

Wrightsville Beach, NC — Um incêndio destruiu a histórica Primeira Igreja Baptista na véspera de Ano Novo, e os investigadores suspeitam de fogo-de-artifício ilegal.

Os bombeiros foram chamados através dum telefonema anónimo à igreja virada para a praia, pouco passava da meia-noite, e depararam-se com chamas e fumo a sair das traseiras do edifício, declarou Tim Ryan, chefe do Corpo de Bombeiros de Wrightsville Beach. No local, foram encontrados vestígios dum petardo, um género de foguete de fogo-de-artifício.

O Pastor Charlie Harris achava-se no interior da igreja quando o incêndio deflagrou e sofreu queimaduras de segundo grau nas mãos e nos braços. Foi transportado para o New Hanover Regional Medical Center e encontra-se neste momento na unidade de cuidados intensivos.

Tratou-se do segundo incêndio numa igreja no lapso de dois meses no condado de New Hanover. Em Novembro, a igreja de Good Hope Covenant, em Wilmington, foi completamente destruída por um sinistro do género. «Os investigadores continuam neste momento a considerá-lo suspeito, um caso potencial de fogo posto», salientou Ryan.

Testemunhas relataram que, menos de vinte minutos antes da deflagração do incêndio, viram petardos a serem lançados na praia por detrás da igreja, provavelmente num gesto de boas-vindas ao Ano Novo. «Os petardos são ilegais na Carolina do Norte e são especialmente perigosos dadas as actuais condições de seca», advertiu Ryan. «Este incêndio vem demonstrar exactamente porquê. Há uma vítima no hospital e a igreja ficou em ruínas.»

Quando a mãe deu por finda a leitura, levantou o olhar da folha e encarou Ronnie. Esta hesitou; depois, com um suspiro, começou a narrar uma história que, aos seus olhos, e mesmo com o benefício da retrospectiva, não fazia o mais pequeno sentido.